

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Fuga de capital estrangeiro passa a causar mais preocupações

Nos últimos meses, a bolsa de valores brasileira tem enfrentado um desafio significativo com a diminuição do fluxo de investidores estrangeiros. O mercado estima que a saída de capital estrangeiro da B3 no primeiro semestre deste ano já é a mais intensa desde 2020. O dado se torna mais preocupante tendo em vista a importância dos investidores internacionais que, atualmente, respondem por cerca de 54% do volume negociado na bolsa.

Segundo Gustavo Machado, sócio-fundador da Musa Capital, esse movimento é, em grande parte, impulsionado pela percepção de risco crescente no Brasil, incluindo preocupações com uma possível crise da dívida e a persistência da inflação elevada. Em contrapartida, outros países vêm oferecendo taxas de juros significativamente altas, tornando-se opções atrativas para investimentos seguros.

Machado enfatiza que uma melhora no cenário fiscal brasileiro, com o governo controlando gastos e sinalizando responsabilidade nas contas públicas, poderia reverter esse quadro. A retomada da confiança dos investidores estrangeiros poderia resultar em uma valorização ex-

pressiva da bolsa, impulsionando o mercado local.

Para o head de Renda Variável da Messem Investimentos, Gustavo Bertotti, o Brasil segue no protagonismo entre as economias emergentes, mas não tem sido suficiente para o aumento nos aportes internacionais e o crescimento das empresas no País.

Enquanto outras nações emergentes enfrentam momentos delicados, como Rússia e Argentina, o Brasil ainda se destaca positivamente. “Mas não basta. Os investidores estão migrando para mercados ainda mais consolidados, como os Estados Unidos, que vem pagando juros altos para seu padrão”.

Bertotti recorda que, no final do ano passado, o otimismo tomou conta dos investidores no Brasil diante de declarações do presidente do Federal Reserve (FED), Jerome Powell, que apontavam para a iminência do início de um ciclo de corte de juros. As mais recentes comunicações da autoridade monetária, no entanto, foram um balde de água fria e indicaram que as taxas devem permanecer no patamar atual por mais tempo.

O saldo de investimentos estrangeiros na B3 chegou a R\$

44,85 bilhões em 2023, sendo que somente em dezembro foi registrado saldo positivo de R\$ 17,4 bilhões. Em 2024, o saldo anual é negativo em R\$ 40 bilhões. Os dados mais recentes do relatório que analisa a evolução dos investidores na bolsa, divulgado em março deste ano pela B3, indicam, no entanto, estabilidade na quantidade de investidores pessoas físicas no mercado de capitais.

Machado, percebe esse movimento no dia a dia da consultoria de investimento. Com mais de 70% da carteira de clientes formada por gaúchos, principalmente das cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, da Serra e do entorno de Santa Maria, ele nota a estabilidade no número de clientes e de aportes - sem resgates abruptos.

“Aqui no Rio Grande do Sul, o que aconteceu foi que, a partir de maio, clientes em prospecção decidiram esperar um pouco mais para abrir carteira. Muitos deles são empresários que tiveram seus negócios atingidos, de forma direta ou indireta, e foram obrigados a realizar compras de materiais, equipamentos ou até reformar estabelecimentos. Tudo isso não estava previsto, é claro”, comenta Machado.



ACERVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

Machado diz que, por outro lado, fluxo de brasileiros mantém estabilidade

Quanto às modalidades, no primeiro trimestre de 2024, houve um crescimento de 3% na base, representando 18% do total de recursos investidos em equities na B3. O número de investidores em renda variável sofreu leve retração (-3%), no entanto, quando comparamos o primeiro trimestre de 2024 com o mesmo período do ano anterior.

Já o número de investidores pessoa física em ativos de renda

fixa subiu 14% na comparação entre os trimestres - passando de 15,3 milhões no 1º trimestre de 2023 para 17,4 milhões em março deste ano. Quando analisamos o acumulado ao longo de 2023 com o início de 2024, percebe-se aumento de 3% no número de investidores no Tesouro Direto. Em relação ao estoque, observa-se um aumento de 2% no trimestre, atingindo o patamar de R\$ 130 bilhões em aportes.

JENIFER ABREU MESSEM/DIVULGAÇÃO/JC



Para Bertotti, mercado de capitais é uma oportunidade única neste cenário

## Momento é propício para compra de ações de empresas bem fundamentadas a preços atrativos

Uma estratégia bastante comum no mercado de ações chamada alocação de ativos, que significa basicamente comprar na baixa e vender na alta, pode ser uma boa jogada na atual conjuntura. Ideal para quem está bastante consciente de que os investimentos no mercado de capitais devem ser focados em ganhos no longo prazo, este movimento, combinado com uma carteira diversificada, desponta.

Gustavo Bertotti, head de Renda Variável da Messem Investimentos, vê no mercado de capitais uma oportunidade úni-

ca neste momento. “Hoje, temos muitas empresas com excelentes fundamentos, que pagam bons dividendos e são geradoras de caixa. Estamos em um cenário onde uma eventual queda de juros beneficiaria ativos de risco, tornando ainda mais atrativas as oportunidades de investimento”, analisa Bertotti.

Laís Martins Fracasso, sócia da Fundamenta Investimentos, complementa que os mercados são cíclicos e “já vimos quedas semelhantes ou piores ao patamar atual quando olhamos horizontes de poucos meses”. Por este motivo, o

investimento em ações sempre deve ter um horizonte de prazos mais longos, quando há a recuperação dessas flutuações conjunturais.

“Um exemplo de queda relevante da bolsa foi no início da pandemia, quando vimos o Ibovespa cair 45% do início de 2020 até o dia 23 de março de 20, mas foi recuperando ao longo do ano e até fechou no positivo, subindo 3%. Com isso, não considero como preocupante a situação atual dos investimentos em bolsa, mas conjuntural”, ressalta, otimista em uma recuperação.